



## Paisagem Cultural da Pirite Alentejana: do conceito às estratégias

*Marta Duarte Oliveira<sup>1</sup>*

O património industrial durante largos anos foi desconsiderado enquanto possibilidade de valorização estratégica, dada a sua história relativamente recente, bem como a sua associação a vicissitudes operárias ou às suas implicações ambientais. De enfatizar que este recurso estratégico se entende desde a escala do objeto arquitetónico à escala territorial, como já demonstraram os designados parques patrimoniais dos EUA desde a década de 1970 e outros casos na Europa por exemplo. De igual modo, documentos como a Carta de Nizhny Tagil (2003) vieram colocar em evidência o seu valor patrimonial a par de metodologias para a sua salvaguarda tendo em conta as várias escalas de intervenção.

A proposta de Paisagem Cultural da Pirite Alentejana constituída pelos núcleos mineiros do Lousal, Aljustrel e S.Domingos/Pomarão, é suportada pelo Estado da Arte criado pelas experiências supramencionadas bem como pelo entendimento de paisagem cultural sob esta nova luz e o seu desenho no contexto português. As minas partilham uma génese geológica comum, a Faixa Piritosa Ibérica. Com uma extensão de cerca de 250 km e com uma largura aproximada entre os 30 e os 60 km, desde o norte de Grândola, Portugal até à cercania de Sevilha, Espanha.

A construção de uma identidade territorial, ainda que a partir deste “cordão” geológico comum – área natural de estrutura não aparente – deve-se, igualmente, a outros fatores de aproximação, tais como a já referida intervenção do patronato (não obstante as diferentes nacionalidades em que o mesmo se vinculou) ou a toponímia utilizada. Ainda que, cada uma destas minas tenha o seu carácter próprio, a verdade é que o mesmo não se perde quando incorporado num sistema identitário alargado: “O sentimento de comunidade, entre os trabalhadores mineiros ultrapassa muitas vezes o local concreto onde eles residem e estabelecem as suas relações sociais e de trabalho. Em alguns casos, por exemplo, a existência de várias explorações e comunidades mineiras, próximas umas das outras, leva à percepção de uma unidade geográfica com uma identidade própria desses territórios mais extensos – como são exemplo as bacias carboníferas em França (Nord Pas-de-Calais) ou em Espanha

---

<sup>1</sup> PhD Arch., CIAUD- FA ULisboa. E-mail: marta.duarte.oliveira@gmail.com



(Astúrias), a Faixa Piritosa Ibérica (desde Grândola, Portugal até Huelva, Espanha) ou a pampa salitreira (Chile). Este efeito dá origem a dois tipos de ideias sobre as comunidades: por um lado, a da existência de uma comunidade mineira mais alargada (regional ou universal) que se estende para lá das fronteiras de cada uma das comunidades locais, na qual estas participam; por outro lado, a da naturalização desses territórios industriais, associada à ideia de que aqueles locais possuem características inerentes.” (Fonseca, 2007, p.22) Aliás, é esta ideia que viabiliza alguns dos projetos territoriais regionais e entre nações, que integram igualmente tanto complexos mineiros inativos, como ativos.

A partir da análise de elementos gráficos até então desconhecidos e a criação de uma metodologia para a constituição de propostas de paisagem cultural, este projeto de investigação tem como objetivo final a sua concretização no terreno. As estratégias baseiam-se na sua divulgação, comunicação e possibilidades de spin-off em parcerias com outros centros de investigação e municípios e a criação de uma marca.

**Palavras-chave:** Paisagem cultural. Estratégias territoriais.

